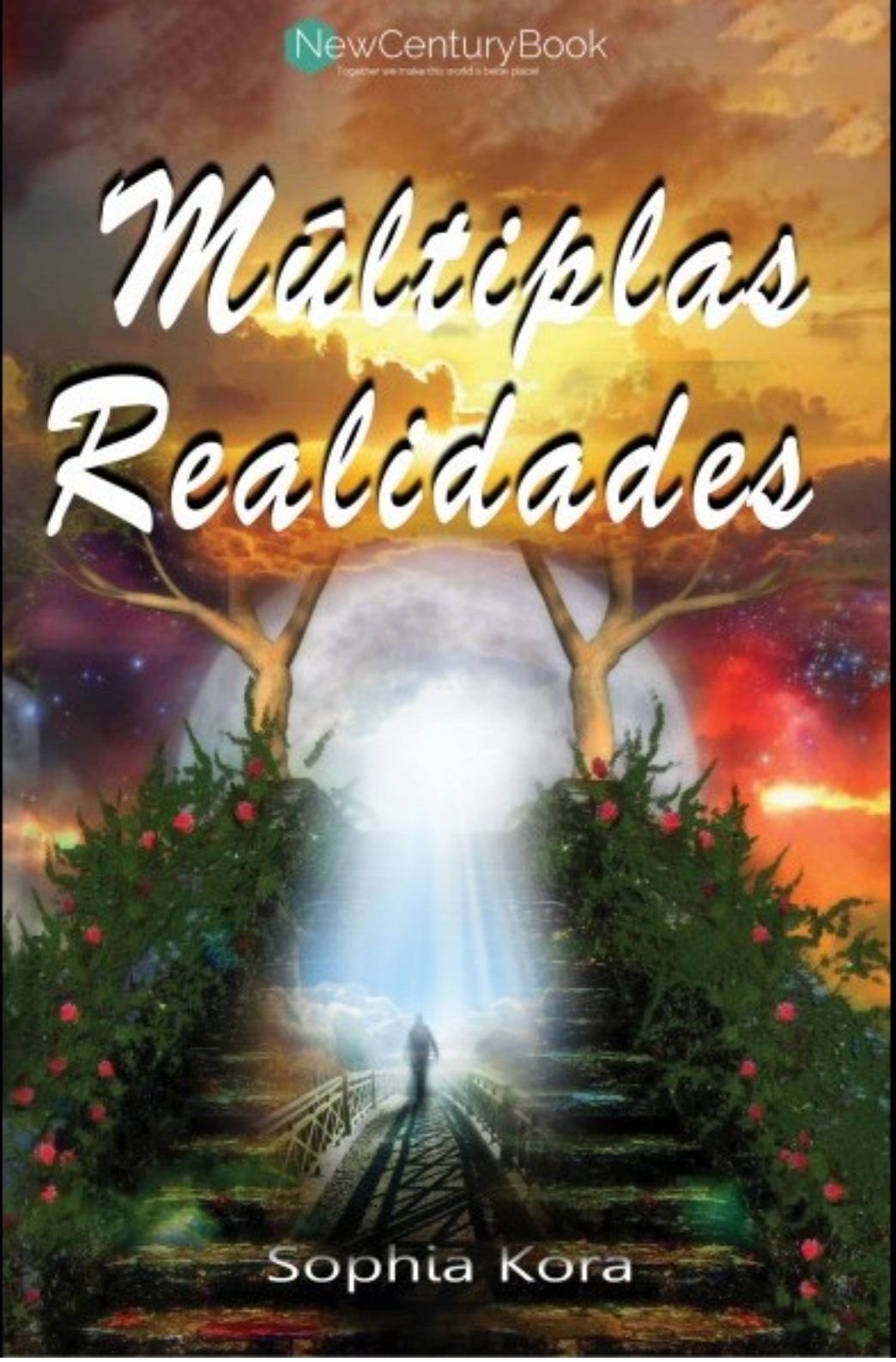
NewCenturyBook
Together we make this world a better place

Múltiplas Realidades



Sophia Kora

MULTIPLAS REALIDADES

SOHIA KORA

O seguinte relato foi obtido através de comunicação com o espírito de Yan. Os fatos confirmaram a autenticidade dos personagens e eventos.

Todos os direitos reservados. Todo o conteúdo do livro, incluindo métodos e técnicas descritas são propriedade intelectual do Autor e, estão protegidas pela Convenção Internacional de Genebra. Qualquer cópia, transmissão ou reprodução do conteúdo do livro, seminários, palestras e treinamentos realizados com base no conteúdo do livro, em qualquer forma ou meio, são estritamente proibidos sem a autorização prévia por escrito do Autor.

www.newcenturybooks.com

Yan estava andando pelo cemitério, por entre sepulturas e estátu- as, cobertas pela folhagem amarela de outono. Estava nublado e garoava. Mas ele gostava do tempo assim. Gostava de andar pelo cemitério no silêncio e tranquilidade, principalmente de noite, quando não havia pessoas lá. Ele caminhava e refletia sobre a vida e a morte: "Pois é, sou tão jovem, – ele pensou – e não quero mais viver, estou de saco cheio. Pode parecer estranho. Os adultos dizem que enloqueci, mas não sou o único assim. Agora aparecem movimentos inteiros dos góticos e emos. Eles também se encontram em um estado parecido, escrevem poe- sia, cantam sobre a morte expressando a falta de vontade de permanecer neste mundo. Por que isso? Antes não tinha coisas desse tipo. Este mundo deve ter apodrecido totalmente e tornou-se falso e artificial. Por isso as pes- soas mais sensíveis como eu, como emos e góticos, não querem viver neste mundo de plástico, entre as pessoas mortas que vivem que nem zumbis, que nem robôs e não querem acordar do seu sono. Para todos está bem claro agora que o mundo está caminhando para a morte. Mas todos colo- caram seus óculos cor-de-rosa e não querem enxergar a verdade, enxergar as coisas reais do jeito que elas são."

Escureceu e a chuva se intensificou. Yan levantou a gola do casaco para se proteger das gotas frias e foi andando para a saída, olhando os túmulos conhecidos. "Eles é que estão bem, para eles já acabou tudo; e eu tenho que ficar sofrendo e esperar por não sei o quê", – pensou ele.

***

No auditório vazio da universidade, em um pequeno palco, ensaiava a banda amadora "Acidente". O vocalista – um louro alto, de olhos azuis e cabelo comprido – tocava guitarra e cantava um rock n' roll com uma voz grave, rouca, como se trouxesse algo de outro mundo:

Não é para você: o ventre da mãe – um saco estreito, sufocante. Não é para você: um sofrimento terrível de nascimentos incessantes. Não é para você: os tormentos do crescimento, quando nem conseguimos andar. Não é para você: e, no entanto, fomos capazes de nos colocar Neste mundo fatal, cativeiro imenso, Impossível de evitar problemas intensos Ficar aqui, destruindo-se – Não é para você! Não é para você!

Inna, a namorada de Yan estava no auditório assistindo a apresentação. Yan cantava:

Não é para você! Buscava a liberdade, mas foi jogado na prisão.

Não é para você!

Tentou escapar, mas de novo caiu no chão.

Não é para você: sangue, lágrimas, saliva, suor e aflição.

Não é para você, e, no entanto, estamos aqui – aprenda a lição:

Neste mundo fatal, cativeiro imenso, Impossível de evitar problemas intensos Ficar aqui, destruindo-se –

Não é para você! Não é para você! N

ão é para você: dor de cortes, raspões, feridas ardentes.

Não é para você: lutar contra doenças – um jogo demente. Não é para você: câncer, AIDS, paralisia, praga, fome.

Não é para você! Você fica inteligente, mas a mente some! Não é para você! Você era um rebelde!

Então não abra a mão! Não é para você: escrever o testamento e deitar num caixão.

Não é para você: apodrecer na terra, pois a morte só o Amor pode derrotar.

Não é para você: nascer e morrer, constantemente, sem parar!

Após o ensaio, os amigos relaxavam, fumando maconha, conversando e rindo alto. Ð Cada um pode decidir se o que quer é ser ou não ser – Yan começou a falar. – Temos liberdade de escolha: viver ou morrer. Precisamos decidir isso em primeiro lugar! Se vale a pena ficar aqui ou não. Nesse mundo fétido, onde estamos rodeados pelas constantes mentiras dos políticos, pela sujeira, pela traição, pela exploração. Que mundo é esse? Sem falar em guerra e fome! E mesmo sem elas, as pessoas sofrem e padecem. Por que isso?

- Yan, fica frio – disse-lhe Anton, dando um tapinha no seu ombro e estendendo-lhe a palma da mão. – Você fumou demais. Pega uma bolinha, vê se se anima um pouco.

- Não, não quero – Yan empurrou a mão dele. – Não vai ajudar. Quero ver a realidade. Já tirei os óculos cor-de-rosa. Mas você ainda não. Quando você amadurecer, vai entender. O chefe do departamento entrou no auditório. Ele imediatamente percebeu o que os garotos estavam aprontando.

- O que vocês estão fazendo?! Saiam daqui agora! Vou relatar tudo ao reitor e aos seus pais! Inna, e você? Uma boa menina saindo com esses inúteis! Depois dessas palavras, Yan perdeu a paciência e jogou na cara do chefe:

- Não tenho a menor intenção de estudar na sua universidade! Então não perca seu tempo. O que vocês ensinam aqui?! Quero me tornar um milionário, por acaso vocês podem ensinar isso?! Eu quero ser saudável, feliz, quero saber como conhecer garotas. E vocês ensinam o quê?!
O chefe do departamento ficou um pouco surpreso, mas, mesmo assim, respondeu: - Nós damos uma profissão para que você não se torne um gari, para que consiga encontrar um emprego bom e um lugar decente na sociedade.
- Um emprego bom... – sorriu Yan com escárnio – Mas metade dos graduados nem chega a encontrar um! A maioria trabalha a vida toda ganhando centavos – isso se conseguir achar um emprego... Não preciso dessa formação! O que, no final, ela vai me dar?! Eu estou indo embora!
- Já vai tarde – resmungou o chefe – Não precisamos de drogados aqui! Đ Yan, vamos – Inna olhou para ele suplicantemente e puxou-o em direção à saída. – Por que você está fazendo escândalo de novo?
- Está bem – rosnou Yan. – Tchau! – Ele pronunciou ainda algum injúrio, cuspiu aos pés do professor e saiu junto com os amigos.
- Na cara dele! – disse Anton alegremente.

- Legal, parceiro! – gritou Kirill, com entusiasmo em sua voz. – Se não fosse pelos meus velhos, teria caído fora dessa espelunca dos infernos há muito tempo. Tem gente que ia muito mal nos estudos e agora é milio- nário! Eles é que são inteligentes! E os que só tiravam dez ganham um salário mixuruca ou mendigam pelos becos.

Apenas Inna refletia em silêncio. Ela temia que Yan pudesse fazer alguma besteira no estado em que se encontrava, e decidiu acompanhá-lo até sua casa.

- Yan, vamos para a sua casa? – ela sugeriu.

- Está bem, vamos – disse ele. – Tchau, pessoal!

O Suicídio

Yan trancou-se no banheiro, encheu a banheira com água morna, pegou uma lâmina e entrou na água. Cortou os braços, abrindo as veias. Quando a cor vermelha começou a tingir a água, Yan pensou: "Este é o fim...". Mais uma vez tragou o baseado. A voz de Gradsky soava nos fones de ouvido:

"A este mundo me forçaram, totalmente cego,

Nem me perguntaram, de surpresa fui pego.

Todas as promessas desapareceram como vapor.

A vela da esperança foi soprada pelo fedor!

Pouco tempo neste mundo vou ficar.

Com esta mensagem quero me retirar.

Como a Mona Lisa eu estou sorrindo.

Não tenho medo, estou me despedindo.

Minhas veias com esta lâmina vou cortar.

Voarei aonde minhas asas querem me levar.

Não estou me torturando nem um pouco, não,

Me aceite, Jesus, estou indo na Sua direção!

Quem fica aqui não tem mais salvação.

Deixam o Criador no tempo de aflição.

Para além do horizonte os dias morrem.

Sem nem olhar para o céu todos correm.

Devemos sempre carregar na nossa vida

A cruz pesada dessa obediência ardida.

Suor com sangue cobre o dilema persistente.

Importa muito pouco o que virá pela frente.

Minhas veias com esta lâmina estou cortando.

Vou onde minhas asas estão me levando.

Não estou me torturando nem um pouco, não, Me aceite,

Jesus, estou indo na Sua direção!"

Yan tragou mais uma vez. A erva começara a agir, e ele sentia-se nadando num mar de chumbo. Cobras sangrentas rastejavam para fora dos seus braços e nadavam em diferentes direções. Seu corpo desapareceu. Como se tivesse se tornado chumbo. A mente se estilhaçou em centenas de pensamentos distintos – ele não existia. Yan era nada. Ecoava uma palavra estranha, brilhando em milhares de tonalidades: klêndia, vlêndia, blêndia, glêndia... Tudo tornara-se irreal, ele desabara num abismo.

***

Acordou num leito de hospital tomando soro. "Minha nossa, sobrevivi" – pensou Yan, e logo que a consciência lhe voltou completamente, gritou:

- Desgraçados, mais uma vez não me deixaram morrer! Yan debatia-se na cama, tentando escapar. Mas suas mãos e pés esta- vam firmemente fixados ao leito. "Mais uma vez me mandaram pro manicômio" – pensou Yan rangendo os dentes.

- Soltem-me, seus malditos! O médico entrou com uma seringa. Ð Chega de me fazer de idiota! Deixem-me morrer do jeito que eu quero... – rosnava Yan enquanto o médico aplicava a injeção... Mas, nova- mente, ele perdeu a consciência...

Quando Yan acordou, estava sentado na frente de um psicólogo, amarrado por uma camisa de força.

- O que você quer? Eu que vou decidir se devo viver ou não! Sou um homem livre!

- Pense nos seus pais – o psicólogo tentava acalmá-lo.

- Por que devo pensar neles?! Eles só me obrigam a fazer o que não quero! "Estude!". "Trabalhe!". "As drogas fazem mal!". "É cedo demais para você morar com a namorada!". "Desligue a música, já é de noite!". Eu não pedi a eles que me trouxessem ao mundo, não quero que eles interfi- ram na minha vida!

- Pense, pois suicídio é pecado – exortava o psicólogo.

- Pecado? – retorquiu Yan ironicamente. – Isso é invenção dos padres para tirar grana das pessoas! E Deus, onde está?! Nesse mundo só acontece merda: guerras, revoluções, destruição, terrorismo, crimes, fome, doenças, pobreza, mentiras dos políticos! Ou Deus não quer saber de nós, ou ele está morto! Não quero viver nesse mundo! E você?! O que te prende aqui?! O medo da morte? Ou a ilusão de que as coisas vão logo melhorar?! Nada me segura aqui! Vai! Tira logo essa camisa de força! E novamente apareceram os enfermeiros com antipsicóticos.

Estado constitucional

Pela mãe de Yan, Inna soube da nova tentativa de suicídio. A menina estava extremamente perturbada e decidiu contar tudo o que acontecera ao Mestre Kalki, na escola espiritual que há pouco tempo começara a fre- quentar.

- O senhor lembra-se de Yan? Nós viemos uma vez na sua aula.

- Claro que lembro – respondeu o guru, a voz cheia de bondade.

Inna não se conteve e começou a chorar.

- Ele voltou a usar drogas e tentou cometer suicídio. O que está acontecendo com ele?

- Não se preocupe – o Mestre a abraçou. – O que sucede é que as explicações que a sociedade lhe dá são degeneradas, artificiais; mas ele não consegue de jeito nenhum encontrar a sua própria explicação. Então ele protesta contra o mal e a injustiça que vê ao redor. É preciso mostrar- lhe que ele só pode mudar o mundo se começar consigo mesmo. E as drogas ajudam-no, pelo menos por um tempo, a perceber a realidade de uma forma mais livre, desonerada de proibições, contradições, problemas, inseguranças, mentiras impostas por uma educação inadequada.

O veneno desativa a parte do cérebro onde vive a personalidade coletiva, e a pessoa se sente mais leve, parte para o plano espiritual e lá passa por experiências extraordinárias. Mas é possível atingir esse estado sem produtos químicos: é preciso que ele comece a treinar as práticas de transe e meditação, que o ajudarão a livrar-se da personalidade coletiva para sempre, com todos os seus problemas – e então ele vai conseguir entrar no plano astral sem dro- gas. Traga-o para as nossas aulas e talvez eu possa ajudá-lo a tempo. No domingo, Inna e Yan, que saíra do hospital psiquiátrico, foram à aula de Kalki. Na sala iluminada e espaçosa, havia muitas pessoas. Kalki,em uma túnica preta, com um emblema de ouro bordado no peito, e o chapéu alto sacerdotal na cabeça, começou seu sermão: Todo sofrimento, todo mal no mundo, toda cegueira e ignorância humana são baseados no sentimento de que o homem é separado de Deus, de outras pessoas, do mundo. O homem percebe-se independente. Ele não vê que o mundo inteiro é um só, que tudo está interligado, que a separação é ilusória, ela não existe. Esta falsa percepção gera egoísmo.

E quando vários egoístas se encontram, surgem conflitos, brigas sobre quem está certo, quem é mais forte; começam guerras.

Um quer subordinar e utilizar o outro, roubá-lo, obrigá-lo a fazer o que não quer. Se não conseguem alcançar esse fim por meio da violência, utilizam então mentiras e falsidades, disfarçadas como política, religião, ideias de felicidade universal ou de enriquecimento rápido. Aparece toda a injustiça e toda a feiura de uma sociedade doente e egoísta. Se quisermos alcançar a verdadeira visão de paz e felicidade, de divin- dade, é preciso superar essa ilusão de separação. E ela só pode ser superada pelo amor, amor a todos: a nós, às outras pessoas, a Deus, à natureza. Peço que abram seus corações para liberar o amor escondido neles. Deixem-no sair e espalhar-se em todas as direções como os raios do sol. Comecemos a meditação do amor, inalando-o e depois exalando-o ao seu redor! Logo em seguida, ouviu-se um estilhaçar de vidros, e através das janelas, policiais de operações especiais invadiram o recinto, com máscaras e metralhadoras nas mãos:

- Todos no chão! Mãos atrás da cabeça! – berrava o comandante. Os policiais batiam naqueles que ainda não haviam deitado.

-Ahhh, aqui está ele, o terrorista principal! – gritava o comandante, chutando Kalki. Este estava calmamente deitado no chão.

-Não toquem nele! – gritou Yan, correndo para junto do policial e empurrando-o para longe do Mestre. – Este homem é um Santo! Ele não fez nada de mal! E vocês, como bandidos, escondem os rostos pra cometer qualquer tipo de crime e permanecer impunes! Em seguida, bateram na cabeça de Yan com a coronha de uma arma. Ele caiu inconsciente e foi arrastado para a saída.
- Yan! – Inna gritou e começou a chorar.
- Tentem aceitar com amor também essa situação – pregou Kalki. – O barulho só enfatiza o silêncio, a agitação só enfatiza a paz.
- Cale a boca, feiticeiro! – o policial começou a bater nele. – Você defeca na cabeça das pessoas! Preparam terroristas aqui! Vamos jogá-lo na prisão por um tempão e destruir sua seita!

***

Durante o interrogatório, um policial gordo pressionava Yan: Vamos lá, conte como vocês foram preparados para o terrorismo. Se você escrever o que digo, permanecerá livre – se não, descobriremos um motivo para lhe trancar. É como dizem: havendo a pessoa, o artigo se acha. Temos ordem de acabar com a sua seita. Precisamos parar vocês; de outro modo, o que acontecerá se alguém decidir ouvir seus sermões?

Como, então, manteríamos as pessoas sob controle? Vamos, assine! Vocês tinham orgias, certo? Extorquiam dinheiro, forçavam as pessoas a transfe- rir apartamentos? Logo o filme sobre vocês será lançado.
- Não vou assinar essa mentira – chiou Yan. – Se vocês têm a ordem, isso é problema de vocês. Ele é um homem santo e é completamente ino- cente. Não fez nada do que você atribui a ele. Já vi as montagens que vocês chamam de filme; pode enfiar no seu cú! A TV não é nada além de men- tiras e propaganda. Lá sempre desfilam os mesmos rostos, o que esperar deles? Então que se dane!
- Tranquem-no! – gritou o policial enfurecido. – Algemem-no à grade e arrebentem com ele! Vamos ver o que ele vai falar depois. Maldito fanático! Yan foi arrastado para fora do escritório.

Fantasma

Todo roxo das pancadas, Yan mal conseguiu voltar para casa. Tortu- raram-no por bastante tempo, mas ele recusara-se a dar falso depoimento, e aos policiais restou deixá-lo ir. "Este é o mundo – Yan pensava indignado – não há justiça nenhuma.

Só o triunfo da mentira e da violência! Não acredito nesta merdocracia judaica, tudo é uma farsa! Uma mentira atrás da outra! Osho2 foi preso e expulso da América livre, também porque ensinava a verdade, libertava as pessoas da teia de mentiras. Ele foi envenenado na prisão... Agora querem prender Kalki pelo mesmo motivo... Logo todos serão devorados pelo Apocalipse. Quanto a mim, estou cansado de viver aqui...". Comprou vodca e, ainda no estabelecimento, esvaziou a garrafa inteira de um gole só. "Não tenho nada o que fazer nesse mundo de merda. Esperar pelo fim do mundo, a terceira guerra mundial, os meteoritos? As geleiras der- retem, as baleias encalham – eles também não querem viver nessa bosta. Chega! Já aguentei o suficiente!" Bêbado, ele cambaleou para dentro de casa, a família não estava. Ligou a música de Mahamudra e começou a se preparar para a próxima tentativa de suicídio.

"Desde a infância quis entender a morada sagrada,
Voar para o Céu como um pássaro solto, liberto.
Agora pelos mais rápidos caças eu sou invejada.
Na velocidade do pensamento penetro o Céu aberto.
Acabaram litígios, esperanças, caprichos e medos do destino.

Tudo é ridículo e ingênuo, como os sonhos infantis.

Agora sou como uma ave, e tudo tornou-se cristalino.

Agora estou livre.

Na Terra há apenas a liberdade dos fuzis.

Não aguentava mais essa vida de tortura.

Chegara minha derradeira, mas solene hora.

Mas agora despede-te de mim na sepultura.

E eu canto minhas serenatas no céu lá fora.

De tudo eu os perdoo, e eu também me desculpo.

Voo aos meus deuses, feliz e encantada.

Preparem meu corpo para o último culto.

Minha alma aos céus já foi convocada.

Sinfonia funeral, A vida foi apenas um sonho total, Sinfonia funeral, Olá, minha casa celeste e natal!"

Yan abriu a despensa, pegou uma corda e começou a fazer um laço, continuando a ouvir a sua música favorita. "Já chega! Estou cansado!" Ele amarrou a corda, subiu na cadeira, colocou o laço ao redor do pescoço e chutou a cadeira debaixo de si mesmo. O laço fechou-se, estrangulando o pescoço – Yan sufocava.

O terror e o tormento tomaram-no completamente; ele não conseguia respirar. Movendo seus braços e pernas freneticamente, ele "dançava" no laço. O sofrimento inexprimível parecia durar uma eternidade. Mas então ele ouviu um zumbido e sentiu-se como se estivesse desli- zando rapidamente dentro de um tubo – e de repente estava leve e livre... Yan novamente estava no quarto. Nada mudara. "Praga! Mais uma vez, nada deu certo! Por que não morri?" Olhando ao redor, Yan viu o cadáver pendurado na corda. "Estou ali! Me enforquei! Mas por que estou aqui, do lado do meu próprio cadáver? Parece que estou no corpo espiritual... Será que a morte não existe?! – veio-lhe este terrível palpite. – Afinal, eu esperava que tudo terminasse agora. Mas sou imortal. O que é este corpo em que vivo agora? Ele é um tanto estranho. Sem peso, sem rigidez..."

Com os dedos ele puxou a pele do seu rosto. O corpo perecia ser feito de algum tipo de borracha macia e esticava-se em todas as direções. Contorcia seu corpo e conseguia se dobrar do jeito que quisesse. Estirou o braço, e ele continuou a se alongar.

"Que interessante" – pensou Yan. Seu corpo inteiro tornara-se um único órgão sensorial. Podia ver com a mão. Ele deslizou-a pelo livro em cima da mesa.

Conseguia ler com a sua mão, e mesmo sem virar as páginas via a próxima folha. Olhando para uma xícara sobre a mesa, sentiu o gosto do café com seus olhos. Tentou pegar o livro, mas a mão penetrava nele. Ele passava através dos objetos. Tentou andar, mas as pernas não conseguiam se apoiar no chão e se afundavam. Queria ir até a janela e, quando deu por si, já estava ao lado dela. Depois de experimentar um pouco, percebeu que seu corpo se movia obedecendo aos seus desejos: ia aonde ele queria. Novas sensações invadiam-no de um jeito que ele até se esquecera do desejo de morrer. Sentia-se nessa nova realidade, muito leve e livre, como nunca antes.

Sem que ele percebesse a noite chegou. Alguém começou a esmurrar a porta do quarto. Juntando suas forças, ele olhou através dela e constatou que eram sua mãe e seu pai. Eles o chamavam. Yan respondeu que estava bem, mas ninguém ouviu. Finalmente, conseguiram arrombar a porta. A mãe, parada na entrada, estava horrorizada. Seu pai tirava o corpo da corda.

– Mãe, pai! Eu estou aqui! – gritava Yan, e tentava tocá-los com as mãos para chamar-lhes a atenção. Mas ninguém o via ou o sentia.

Por fim, percebeu que tudo era em vão e passou apenas a contemplar. Os pais corriam pelo apartamento. Yan percebeu que no quarto voava um enxame inteiro de moscas estranhas. Logo ele entendeu que eram pensamentos. Chegaram voando grandes besouros e lesmas do tamanho da cabeça de uma criança. Eles se prendiam nos pais e bebiam uma substância sugada deles. "Eles devem se alimentar de suas emoções, suas preocupações e seus sofrimentos" – concluiu Yan, e começou a dispersar toda aquela abominação. As moscas e os besouros sentiam suas pancadas e voavam para longe, mas logo depois voltavam a atacar os pais.

Observando seus pais, ele se surpreendeu ao conseguir enxergar seus corpos nus através de suas roupas, e se sentiu um pouco incomodado com isso. O que o deixou ainda mais impressionado, foi visualizar os órgãos internos, as veias e todo o sistema nervoso deles. Ele ainda viu alguns canais de luz que pulsavam. Eles pareciam aqueles dos livros de acupuntura, mas a quantidade era maior. Esses canais literalmente trançavam os corpos dos seus pais. Em volta de cada um, havia elipses com brilho cintilante, e em volta das cabeças havia esferas de luz.

“Devem ser suas auras” – Yan pensou. As esferas mudavam de cor constantemente. Por dentro delas, havia manchas pretas se movendo e redemoinhos em forma espiral, que sumiam e reapareciam. Yan percebeu que podia escolher enxergar a aura, os órgãos internos, ou apenas o corpo nu. Também, podia ver tudo, se quisesse, dependendo em que se concentrava. Com a chegada de outros parentes, ele sentia-se cada vez mais inquieto e ansioso. Logo entendeu que vivenciava as emoções deles, e também aquelas dos familiares para quem a sua mãe ligava contando a notícia, e os sentimentos de Inna, que já viera e que abraçava em prantos seu corpo. Đ Estou aqui, estou vivo! Por que vocês estão perambulando ao redor do cadáver?! Não sou eu! – Yan gritava, mas ninguém o ouvia.

Ele ficou surpreso ao descobrir que sabia dos pensamentos deles – especialmente quaisquer que fossem sobre ele. Capturava até o raciocínio dos parentes que agora nem estavam no apartamento, mas que começaram a pensar nele, assim que souberam da sua morte. Inna correu para fora da casa, e Yan soube imediatamente que ela ia até Kalki, embora não tivesse dito a ninguém. Ficou curioso e decidiu mover-se junto a ela.

No caminho, continuou a observar como todos ao redor eram devorados por besouros, lesmas e águas-vivas bizarras de todo tipo. Estas criaturas penetravam as pessoas e as forçavam a sentir diferentes emoções negativas, incutindo maus pensamentos e alimentando-se de suas preocupações. Vendo o interior das pessoas diretamente através de suas roupas, também notou que seus órgãos eram escuros, somente os de Inna e dos demais jovens eram mais claros. "Obviamente, o tom escuro são as doenças" – pensou Yan. Chorando, Inna invadiu a sala bem no meio da aula. Kalki abriu os braços, e ela atirou-se a ele. Inna sentiu que ele já sabia de tudo.

- Não se preocupe – disse ele – Ele não está morto. Ele está vivo, está com você, e se sente bem. Ele está em um mundo melhor. Mas para ele é difícil suportar suas aflições, ele as sente.

Kalki fez um gesto para os seus discípulos, e eles a rodearam em um círculo estreito e abraçaram-na, passando-lhe ondas de amor e compaixão. Kalki, como o sol, irradiava luz. Este brilho fluía em torno dele, formando uma silhueta que florescia como o arco-íris. Sobre a cabeça do Mestre, podia-se ver uma auréola.

Em uma onda de amor e compaixão, os alunos também estavam mergulhados em luz, ao contrário das pessoas comuns, que eram cercadas por uma nuvem cinza.Em vez de besouros e larvas, a sala estava cheia de globos de luz. Destas esferas saíam raios que tocavam um por um a todos que lá estavam – passavam pensamentos positivos. Ð Oremos por Yan e acompanhemos com alegria sua alma até um mundo melhor – disse Kalki. Os discípulos começaram a rezar. Enquanto rezavam, ao redor de cada um deles, formava-se um pilar de luz direcionado para cima. Yan sentiu-se muito bem. Ele estava banhado na graça e no amor daquele momento. Quando a oração atingiu seu apogeu, a alma de cada um na sala se encheu de júbilo, e todos enviavam a Yan seus melhores votos. Quando, porém, a aula terminou e todos já haviam ido embora, Yan começou a ser atacado novamente pelos pensamentos sombrios de seus parentes. Lembrou-se deles e imediatamente se viu em seu apartamento. E, só à noite, quando todos estavam dormindo, a ansiedade que o abalava deixou-o.

Yan continuou os experimentos com seu corpo. Imaginou ser um cão, e transformou-se em um cão. Em seguida, imaginou ser um sapo – e o corpo instantaneamente obedeceu. Voltou à forma humana e, imaginando roupas, vestiu-se.

A cidade dormia, mas Yan não tinha necessidade de dormir – ele nunca se cansava.

O enterro

Querendo assistir o próprio enterro, Yan seguiu aqueles que trans- portavam seu corpo até o cemitério. No caminho, ele viu, mais uma vez, parentes e outras pessoas que eram devorados pelas larvas em forma de águas-vivas, besouros, minhocas, cobras. Sentiu que a infelicidade e o fra- casso também estavam ligados a estas criaturas, que compeliam as pessoas a atos negativos e estúpidos. Quando alguém fica com raiva, ciúmes, sofre uma ofensa ou amaldiçoa outrem, envia assim estas bestas, que partem em direção à vítima e atormentam-na, como uma matilha atacando uma caça. No entanto, se a vítima está positiva, nada funciona, e todas estas pragas voam para longe e passam a torturar aquele que as desencadeou.
Em poucas pessoas, Yan via uns coágulos brilhantes que lembravam esferas – e concluiu que eram, provavelmente, bons espíritos ou anjos. Desceram o caixão com o corpo de Yan para a cova e começaram a cobrir com terra.

Olhando mais de perto, sobre a sepultura, Yan viu uma sombra branca com os traços dele.
"Será um fantasma?" Acima dos outros túmulos Yan viu as mesmas imagens. Lembrou-se de como Inna lhe contou sobre o duplo etérico. "Talvez este seja o corpo etéreo" – pensou Yan. Ele notou que alguns fantasmas eram mais luminosos e outros mais apagados; concluiu que deviam ter ficado assim de velhice. Inna também estava presente no funeral. Ela já se acalmara e mental- mente rezava a Deus por ele. A mãe e os parentes partiram para a missa na igreja. Yan os seguiu.
Acima do templo, viu uma grande nuvem branca que se alimentava das orações das pessoas. Às vezes, da nuvem saía um turbilhão de energia que se dirigia a algum dos fiéis. "O que é isso? Deus?" – foi o que Yan pensou, mas ele não sentiu que era verdade. Depois, um raio saiu da nuvem e caiu mais ao lado. Imediatamente em resposta outro raio atingiu esta nuvem. "O que é isso?" – Yan voou na direção de onde o relâmpago fora disparado e viu uma mesquita, a qual tinha sua própria nuvem. Depois viu as mesmas nuvens sobre a sinagoga e a igreja dos batistas. "Provavelmente são os espíritos das egrégoras lutando entre si. Deus está longe deles" – concluiu Yan. Já aprendera a mover-se rapidamente no espaço. Assim que imagi- nava a pessoa ou o lugar certo, encontrava-se ao lado dele.

Uma vez pensando em Inna, Yan apareceu na aula de sampo condu- zida por Kalki. O Mestre ensinava como se livrar das larvas e limpar a sua aura de diferentes pragas fazendo golpes de energia e também explicava como quebrar sans-vínculos com pessoas ruins e egrégoras. Yan viu que cada um tinha o que pareciam ser fios que o ligavam a outros: geralmente a parentes ou a nuvens de egrégoras. Passavam nestes fios correntes energéticas que controlavam a pessoa como um fantoche. Ela ficava tão enredada por estes contatos e por todos aqueles tipos de larvas que dela não sobrava quase nada. A pessoa fazia, pensava e vivia não o que realmente queria, não o que era inerente a ela – mas coisas diferentes que lhe foram impostas – e se perdia nisso completamente.

O caminho para o inferno

Yan um dia visitou sua universidade e viu um inimigo seu, que se exibia na frente dos companheiros, falando que no passado humilhara Yan. Contava que Yan era gay e que ele o possuíra. Yan ficou tão bravo que que- ria matar o desgraçado.

E neste instante foi cercado por nuvens negras que o arrastaram consigo. Yan tentou resistir, mas nada pôde fazer. Foi levado a um lugar terrível, sombrio e cheio de criaturas horríveis que lembravam ora demônios, ora bestas disformes. Estes bichos atacaram Yan e se prenderam nele, devorando sua energia. Foi tomado de horror e de insuportável dor. Mas seu medo apenas fortalecia estes monstros. Sentia como se o rasgassem, como se nele enfiassem agulhas, como se de suas bocas saísse um fogo que o queimava de forma assombrosa. Yan percebeu com horror que estava no inferno e que não sabia como sair dali. Sentia um sofrimento inimaginável. E, quanto mais sofria, mais os demônios se revigoravam: infligiam mais dor e inventavam novas tortu- ras. Diante de seus olhos apareciam visões de como essas criaturas aterrori- zantes estupravam Inna, como seu inimigo o espancava, como as pessoas o ridicularizavam. Yan já não compreendia que eram artimanhas dos demô- nios – e afundou-se completamente nestas dolorosas ilusões. No meio deste tormento incrível Yan lembrou-se de Kalki e começou a gritar: "Ajude-me, salvador! Ajude-me! Eu imploro!" Desesperado, Yan colocou neste apelo toda a sua fé.

E de repente irrompeu uma luz, uma nuvem de luz, e os demônios saltaram para longe. No centro da nuvem, Yan viu Kalki. Ð Olhe para meu rosto, olhe para mim! – chamava Kalki. Yan fixou o olhar no rosto do Mestre, que era sua última chance de salvação. E se sentiu melhor. Mas Kalki continuou:
- Acalme-se, lembre-se de algo agradável: uma bela paisagem ou algum seminário nosso. Sintonize-se de forma positiva. Yan sentiu paz e alívio, como se uma carga pesada houvesse caído de seus ombros. Ð Agora olhe ao seu redor – disse o guru. Yan olhou em sua volta e viu um prado, um rio correndo pacifica-mente, um céu calmo com nuvens brancas. O dia estava chegando ao fim. As cúpulas de um templo brilhavam à distância.
- Está vendo – disse o Mestre – o lugar onde você está no plano espi- ritual depende da sua sintonia: paraíso, inferno, o mundo do passado ou do futuro – quaisquer lugares na Terra ou em mundos paralelos estão à sua disposição. Você pode se deslocar com a velocidade do pensamento. Mas o que você vê aqui é um produto da sua mente, ou das mentes de outros seres. Tente desfocar o olhar, como você fez aquela vez quando observava a aura de uma vela. Veja, tudo isso é apenas um campo de energia.

Yan fez o que o Mestre lhe disse, e viu apenas um brilho cintilante. Ele flutuava como enormes ondas, lentamente mudando de cor e de contorno.

- Então o rio e o templo não são reais? – perguntou Yan.

-São tão reais quanto o inferno que você acabou de visitar. Você pode nadar no rio ou entrar no templo. Mas eles são gerados a partir dessa energia, através do poder de sua imaginação, através do seu espírito ou da capacidade da mente de outras criaturas que fazem você ver o que elas imaginam.

- E o que é real de fato? Como ver o mundo como ele é? – perguntou Yan, surpreendendo-se com o que acontecia.

- A verdadeira realidade é Deus. Mas compreendê-Lo não é fácil. Você ainda não sabe como se sintonizar para entrar em contato com Ele, nem mesmo por pouco tempo. Se você não tivesse morrido e estudasse em nossa escola, eu o ensinaria a meditar e a entrar em Samadhi – em união com Deus. Mas no plano espiritual, cada um está em seu nível, depen- dendo de sua atitude. Os seres de diferentes níveis de desenvolvimento apenas se encontram usando uma sintonização especial e por um tempo muito curto. Mas agora posso levá-lo ao meu Samadhi, para que você entre em contato com a verdadeira realidade por um instante.

E, se você for determinado, em sua próxima vida terá um destino diferente e chegará à compreensão da Eternidade. Agora, olhe para os meus olhos e não se dis- traia nem por um segundo. Yan fitou os profundos olhos do Mestre e caiu em seu olhar. De repente, viu uma esfera de luz branca da qual saíam em todas as direções raios de arco-íris. Ela brilhava contra o indescritível abismo, que lembrava a infindável imensidão do Cosmos. Yan via toda a sua vida passada – e percebeu o horror e a vergonha de sua existência. Ficou abor- recido por ter gasto seus anos daquela forma. Mas o brilho de Deus não o julgava; cobria-o com seu imenso amor e esperança; a esperança de que ele entenderia a verdade e alcançaria a grande graça. O brilho era silencioso, mas Yan o entendia como que sem palavras, sentindo com o coração e com todo o seu ser o Seu estado, a Sua atitude.

- Aqui está o que você poderia encontrar, meu filho, se em vida tivesse Me procurado. Você se transformaria em Mim – dizia a Yan o silêncio de Deus.

Embora nenhuma palavra fosse articulada, Yan O entendeu melhor do que se as palavras lhe tivessem sido ditas. Sentia o significado da mensagem com todo o seu ser, sem precisar pensar, analisar e duvidar – foi uma experiência holística.

Em seguida, o brilho começou a se expandir e encobriu Yan. Ele sen- tiu um amor tão infinito, que se dissolvia nele. Depois desapareceu com- pletamente, sem deixar vestígios. Na sua existência estava presente apenas a grande imensidão do Universo. Embora Yan se sentisse como se não exis- tisse, ele era Deus; estava presente em todo o vasto espaço, que não termina nos diversos mundos, nas incontáveis Galáxias, nas estrelas, nem nos seres que habitam esses mundos. Parecia que Yan sabia, ao mesmo tempo, tudo acerca de cada ser no Universo; ele era cada um deles, e parecia ter vivido suas vidas. Estava simultaneamente no passado e no futuro de cada uma de suas criações. E este passado e este futuro eram sem começo nem fim. A própria criação (existência) não era percebida de forma pontual, ou seja, como ela era num dado momento. Yan via a criação como a vida Dele. Integralmente, em todas as encar- nações – até que se fundiu totalmente com Ele e iluminou-se. Era assim que ele O percebia, ou melhor, percebia a si mesmo em cada uma das suas manifestações. Estava repleto de um colossal poder criativo, elaborando mil mundos em um instante, cheio de uma onisciência incompreensível,

saturado de inúmeras experiências de amor, felicidade, santidade e todos os estados possíveis de cada ser vivo.
Isso foi apenas uma pequena parte da experiência com Deus. O resto é impossível descrever em palavras ou submeter a qualquer definição. Era um estado tão imenso, vasto, abrangente, que para compreendê-lo uma pessoa precisaria de uma eternidade. Este estado mudava a cada momento, transformava-se, como se estivesse crescendo. E, para descrever e compre- ender cada momento seguinte de Deus, era necessário ter outra infinidade de tempo. Era inconcebível e incomensurável. Mas o brilho agora recuava. Aos poucos, Yan voltou a si. Este estado antigo lhe causava a impressão de que ele havia sido trancado dentro de um caixão apertado e espremido por todos os lados. Em comparação com o que Yan sentira alguns momentos atrás, ele agora estava morto. Perder a presença de Deus era tão atormentador que no mesmo instante queria morrer, desaparecer. Yan ardia de santidade e amor por Ele. Não podia mais viver desse jeito – mas não sabia como viver de outro. E foi, devido a isso, apreendido por emoções insuportavelmente dolorosas.
- Isso é o que acontece quando um inexperiente vê Deus – ouviu a voz do Mestre.
Olhando para trás, Yan viu o rosto de Kalki. O peso diminuiu. O que acontecera com ele alguns minutos atrás parecia-lhe apenas um sonho. Nem acreditava que tinha visto Deus.

- Assim é melhor – disse Kalki sorrindo. – Daqui a pouco você decide cometer suicídio aqui também – ele riu, – embora, na verdade, aqui isso não seja possível. Mas está na hora de ir para onde você pode ficar, con- forme a condição que conquistou com a sua vida terrena. Não se esqueça de que é preciso controlar suas emoções e pensamentos, senão você pode novamente cair no inferno. Lembre-se, tudo o que você vê no plano espiri- tual é um produto de sua mente. Não a deixe fazer outra brincadeira cruel com você. E agora, adeus! Acho que ainda nos encontraremos... – Kalki desapareceu no ar.
Surpreso, Yan olhou ao redor e viu diante de si a mesma paisagem com o prado, o rio e o templo. Ele viu que pessoas vinham flutuando na direção dele. Reconheceu algumas; eram seus parentes mortos. Os mortos cumprimentavam Yan alegremente: Đ Finalmente você está de volta ao lar, na sua casa! – abraçou-o o avô.
- Agora estamos juntos de novo – disse-lhe a avó, beijando-o – terminou seu martírio na Terra. Yan estava surpreso que os avós tinham uma aparência tão jovem. E, embora ele não o tenha dito, eles já sabiam dos seus pensamentos.
Sim, meu neto – respondeu o avô – A alma não é o corpo, não tem idade. Aqui todos são eternamente jovens.

Geralmente o corpo terreno atinge a aparência da alma aos 18 ou, em alguns casos, até aos 32 anos. Mas mesmo um bebê tem uma alma com uma aparência adulta. São o corpo e o cérebro que não o permitem ser adulto desde o nascimento. Aqui não temos nem doentes, nem deficientes, porque a alma é sempre saudável. Cada um de nós pode, no entanto, assumir qualquer forma que desejar. E, para confirmar suas palavras, seu avô novamente ficou um velho fraco e corcunda, apoiado em muletas. Ele tossiu forte, e então riu junto com os outros.

- E agora, vamos para a nossa casa – a avó o convidou. E eles já estavam na casinha velha da avó, que Yan visitava na infân- cia.

- Mas por que vocês moram numa cabana tão velha? – perguntou ele.

- Ficamos acostumados assim na vida passada – disse o avô – embora possamos viver em qualquer lugar: mesmo num palácio ou no meio do mar – é só imaginar.

A avó trouxe uma travessa com empadas, e um cheiro de infância, esquecido há muito tempo, espalhou-se na sala. Depois de morder a empada, Yan descobriu a qualidade surpreen- dente da culinária local. Ele sentiu o estado da avó quando ela fez as empa- das e se maravilhou com a descoberta. Ele soube de suas emoções e pensa- mentos.

Assim que notou, a avó lhe ofereceu uma maçã: – Pegue, experimente isso também. Ela não é materializada, é de uma árvore local.
Yan pegou a maçã, mesmo sem ainda entender em que se difere uma maçã de matéria sutil que apareceu na árvore. Mas quando ele a mordeu vivenciou o estado da maçã e algo semelhante a seus sentimentos, pensa- mentos e o seu jeito de encarar a vida. Ele também sentiu a árvore em todo o seu estado de espírito, tudo o que ela já foi. Isso o surpreendeu ainda mais, que por meio de uma simples mordida um conhecimento tão amplo chegara a ele. Percebeu que todos os objetos do local pareciam vivos, e que era possível comunicar-se com eles, como em conto de fadas. Ele experi- mentou algo parecido depois de ter usado LSD, quando o mundo pareceu vivo e interativo. Também teve isso na infância, quando todas as coisas lhe pareciam surpreendentes e vivas; ele conversava com elas e elas pareciam responder para ele.
Pois é – disse a avó – tudo ao redor está cheio de vida. O homem que vive na civilização sempre se esquece disso. Pelo contrário, aquelas pessoas que vivem na natureza e que chamamos de selvagens, conservam esta visão do mundo. As crianças às vezes não entendem por que as coisas que elas imaginam não aparecem na mesma hora do ar.

Esse hábito elas tinham ainda na vida sutil onde tudo aparece a partir do nosso pensa- mento. Mas os adultos as fazem perder esta visão, pois acreditam que são bobagens infantis e que a criança ainda não entende que isso é impossível. Mas no universo tudo é vivo, não há nada morto. Só que cada coisa tem seu jeito de viver, às vezes diferente do ser humano. A civilização priva as pessoas desta visão. Os humanos já chegaram a não admitir que animais e mulheres possuíssem alma. Devido a esta visão incorreta surge todo tipo de mal; hoje em dia a Terra está sendo destruída e as pessoas matam umas às outras. Os padres, por votação tentaram decidir se as mulheres tinham alma ou não. Isso nos diz sobre como estão cegos e esta cegueira deles causou várias mortes na fogueira da inquisição e nas cruzadas. Embora Moisés e Jesus tenham falado: "Não matarás", eles não escutaram e fizeram tudo a seu jeito, abençoando os soldados para guerras, por causa de um governador que tremia de medo para não perder o lugar no trono, enco- brindo o seu desejo de poder com a ideia de defesa da pátria. E agora estão lutando contra quaisquer pensamentos alternativos. Lembra o que fizeram com Kalki? Eles precisam de escravos. Mas agora como não possuem mais correntes de ferro, utilizam as da informação.

Aprisionaram a mente do ser humano, o qual nem tenta maldizê-los, sujar seu santo nome ou comover uma multidão contra eles, para, enfim, eliminar tudo aquilo que os atrapalha, libertando as pessoas finalmente.
Surpreso Yan ouvia a avó, maravilhado com o quanto a sua visão do mundo mudara. Ela era cristã ortodoxa em vida e sempre ia à igreja, falava mal de todas as seitas e pessoas que pensavam diferente. Não queria nem escutar sobre novas maneiras de ver as coisas ou teorias alternativas. Ð Sim, meu neto – disse ela respondendo aos seus pensamentos – na Terra quase todos vivem numa cegueira total, sendo escravos de ideologias diferentes. Mas aqui os nossos olhos se abrem para a verdade.
- E o que fazem aqui? – Yan perguntou-lhes.
- Descansamos, netinho. Observamos como as pessoas vivem no mundo, viajamos para o passado, voamos em mundos diferentes.
- Que vida boa! – surpreendeu-se Yan – Por que, então, tivemos de viver na Terra? O que esquecemos lá? Por que tudo isso?
- Aqui estamos em casa, e a Terra é uma viagem de negócios – disse o avô – algo como uma academia de ginástica, onde aprendemos lições dadas por Deus, ganhamos uma experiência que é simplesmente impossível de obter aqui.

É como se Deus estivesse assando nossa alma, tal qual um bolo, e nem todas as fases deste processo são agradáveis, mas elas são necessárias para desenvolver nossa alma, torná-la sábia.
"Quer dizer que eu fiz algo de errado quando cometi suicídio" – pen- sou Yan.
- Muito na vida é predestinado por Deus, e você não é culpado disso. Seu suicídio foi determinado também pelas escolhas que você fez em vida. Mas você poderia ter vivido de forma diferente, se tivesse ouvido Inna e sem demora, começado a se desenvolver espiritualmente. Nesse caso, o seu destino teria tomado um caminho diferente, e talvez você tivesse alcançado um nível superior de existência, e após a sua morte, teria ido para uma dimensão onde os anjos, gurus e santos vivem – em felicidade infinita. Yan lembrou-se das aulas de Kalki, de Inna, ficou com saudades e se viu ao lado dela instantaneamente. Ela estava sentada com os discípulos de Kalki na sala de meditação. Eles formavam um círculo, de mãos dadas, e praticavam pranayama, sintonizando-se com o Mestre que, apesar de estar na prisão, enviava-lhes correntes de amor.
De repente, o avô apareceu junto de Yan: Ð Ah, aqui está você! Simplesmente sumiu da mesa. E aqui com você Inna. Sua avó e eu muitas vezes observamos vocês, e ficávamos contentes com a sua amizade.

Ela está aprendendo a sintonizar-se com as vibrações superiores do amor e, talvez se encontrará mais tarde entre os anjos.
Inna estava sentada e chorava baixinho, lamentando a morte de Yan e a prisão de Kalki. Somente o fluxo do amor divino era capaz de confor- tá-la. Yan voou para o lado dela e a abraçou, tentando acalmá-la. Mas ela não o via. Suas mãos passavam através do corpo dela.
- Não a toque – disse o avô – Nossa energia é alheia à terrena e a afetará negativamente. Além disso, a energia dela vazará para você. Lem- bra-se das histórias de vampiros? Para os que estão na Terra, nós somos os vampiros. Não bebemos sangue, mas tiramos sua energia com cada toque. Alguns de nós, ligados de forma mais forte à Terra, realmente começam a alimentar-se com a energia das pessoas para ficar no plano terreno. Está sentindo como é difícil ficar aqui? Yan voou para longe de Inna e sentiu que, de fato, era mais difícil permanecer na dimensão terrena do que no mundo em que há pouco esti- vera com a avó.
- Para nós, tudo aqui é fatigante – explicou-lhe seu avô – Para fazer qualquer coisa na Terra precisamos de uma grande quantidade de energia, mas de onde tirá-la? As pessoas extraem sua força do trabalho corporal usando pranayama, e nós só podemos vampirizá-las.

- E como sair daqui? – perguntou Yan.
- Basta lembrar-se do rosto de sua avó, e pronto. Yan obedeceu, e estava de volta com ela na cabana.
- Estava esperando você! – exclamou a avó. Coma as empadas. Elas não esfriam aqui, mas ainda assim... – sorriu ela. Yan lembrou-se do sexo com Inna e imediatamente corou de vergonha, sabendo que os avós conhecem seus pensamentos. Ð Não tenha vergonha – disse o avô – Acostume-se: nessa dimensão todos conhecem os pensamentos uns dos outros. Não há lugar para menti- ras. A alma se torna mais iluminada quando sabemos tudo uns dos outros. Yan ainda estranhava que os seus pensamentos eram conhecidos por todos; na vida terrena costumava escondê-los dentro de si. Ð Descobrimos que muitas coisas – disse seu avô – que na vida consi- derávamos ruins, na verdade eram boas. Os pensamentos realmente maus ou maldosos e as emoções negativas vivenciadas neste mundo logo man- dam a pessoa para o inferno. Assim, gradualmente aprendemos a nos livrar deles, limpando a alma.
- E como os anjos vivem? – perguntou Yan. Temos como saber disso?
- Não é fácil, porque temos muito poucas emoções sublimes para nos aproximarmos deles. Mas há aqui um sacerdote, chamado Kadzhur, que sabe como fazê-lo.

E podemos nos encontrar com ele? – perguntou Yan.
- É claro – disse o avô. Simplesmente mantenha agora o meu rosto no seu olhar interior, e eu o apresentarei a você.
O avô lembrou-se de Kadzhur e viu-se, com Yan, ao lado dele. Kad- zhur estava com outras pessoas, vestidas, como ele, em um traje atípico, perecido com uma túnica. Estava sentado em um templo incrível, que lembrava uma pirâmide, ornamentada por mandalas e signos mágicos. Olhando fixamente para Yan, Kadzhur disse:
- Sim, você poderia tornar-se uma pessoa espiritual. Tem grande predisposição, mas seguiu o caminho errado. Eu não o culpo, nem todos podem encontrar o seu destino em uma idade tão jovem. No entanto, você poderá visitar os anjos. Na sua vida terrena, teve a sorte de encontrar um dos grandes mestres da humanidade. Isso irá ajudá-lo também agora. Sente-se em nosso círculo.
Yan sentou-se ao lado de uma mulher muito bonita e de um rapaz esguio e magérrimo. Đ Maxim – introduziu-se o jovem. Đ Meu nome é Sapfira – disse a menina. Đ Deem as mãos – ordenou o sacerdote. Sintonizem-se com o sen- timento de amor e devoção a Deus, vivenciem essas emoções com todo o coração, transfiram esse sentimento à sua intenção de entrar no plano dos anjos. Cantem o mantra "Illa"!

Continua...

Se você quiser continuar ler o livro, você pode encontrar a versão completa no nosso website:

www.newcenturybooks.com

Você pode conversar com tutores xamãs da vida real (alguns dos quais são apresentados neste livro) nos todos sábados no Sansa Chat no Skype. Basta ir ao Skype e digitar ***your.sansa1.***

Também pode conhecer esses tutores xamãs pessoalmente e receber conhecimento e participar de práticas antigas poderosas. Procure workshops, seminários e informação preciosa no nosso site: www.newcenturybooks.com Você pode encontrar a prática "Shri Bhatki Guru" no YouTube: procure "shri bhatki guru en".

Todos os materiais utilizados no livro, incluindo os métodos e técnicas descritos pelo autor, estão sujeitos a direitos autorais intelectuais e estão protegidos pela Convenção Internacional de Genebra de autoria.

WWW.NEWCENTURYBOOKS.COM